

Espaço Europe Direct

A Visão dos Jovens...

Onde está o teu telemóvel avariado?

O lixo eletrónico da UE é enviado, ilegalmente, para a Nigéria

A crescente evolução tecnológica é uma maravilha deste século e é a consequência de muitos trabalhos deixados pelos nossos antepassados, para podermos usufruir de todo o conforto e facilidade no nosso dia-a-dia. Contudo, todas as moedas têm “duas faces” e na vida para cada benefício existe uma consequência. A União Europeia tem “alimentado” o motor desta evolução tecnológica, apoia dezenas e dezenas de projetos de investigação e desenvolvimento, apoia a implementação de fábricas e empresas de tecnologia de ponta, mas chegamos ao ponto em que estamos rodeados de milhares de aparelhos tecnológicos que são suplantados por versões mais recentes. Surge a pergunta: o que é feito destes aparelhos? Para onde vão? São reciclados? Importa antes de

mais perceber o mistério, uma notícia recente deixou-nos estupefactos com a possibilidade de a União Europeia simplesmente colocar todo o lixo eletrónico num único contentor, com destino à Nigéria. A ser verdade, estamos perante um problema que não afeta só a Nigéria, mas que nos afeta a todos nós também. O lixo de uns é o ouro de outros? Mas a que custo? Temos de ser nós enquanto jovens e cidadãos europeus a resolver esta questão e a dar a iniciativa. Temos todo o interesse em crescer num mundo sustentável, justo e sem desigualdades. De acordo com um relatório de dois anos elaborado pela ONU, tornado público no dia 19 de abril de 2018, concluiu-se que os resíduos elétricos ilegais são um problema gravíssimo. Focando nos números, podemos evidenciar que

serão cerca de 60.000 toneladas de resíduos que entram na Nigéria, das quais 15.000 não funcionam, são provenientes de outros países, incluindo da EU, desde 2015. A consequência mais penalizada-ra? Cerca de 15.000 toneladas não funcionam. A posição era diferente se todos os aparelhos eletrónicos funcionassem. De certa forma seria uma espécie de “ajuda” à população (nigeriana) que não possui forma de se financiar para alcançar o “comboio” do progresso tecnológico que já passou há muito tempo. Mas não é essa a razão, e nós sabemos muito bem disso. Sim, nós também somos responsáveis por esse acumular lixo eletrónico. O estudo revelou que quase 70% dos resíduos chegaram a Lagos, Portugal, escondidos dentro de veículos.

E como “bons cidadãos” que somos o que fizemos?
“Nota de encomenda recebida”, aval para enviar toda a lixeira que não nos pertence para a Nigéria. Que não nos pertence?
Sim claro, porque portugueses que é português não escapa a esta mentalidade, tudo o que é “bom” é “nosso”, o que não é “bom”?
Pois, é do “outro”.

De facto, Portugal é um país exportador, não só de bens e serviços, mas também de lixo eletrónico. É uma situação constrangedora. Um país que necessitava, mais do que qualquer um, de um “empurrão” para avançar na linha cronológica e adaptar-se aos tempos modernos, vê-se “entulhado” de lixo eletrónico, que não pode ser usado em seu benefício. A “lixeira do Mundo contemporâneo”, que belo rótulo para se atribuir a um país que carece de proteção social, de auxílio em termos de saúde. E porque é que isto é importante? Os aparelhos

eletrónicos descartados são, essencialmente, resíduos tóxicos. Estando enterrados em aterros sanitários, fragmentados de forma inadequada ou queimados, libertam toxinas que podem ser expostas no ar ou colhidas pelo solo provocando uma crise na qualidade de vida. Não podemos fechar os olhos a estes acontecimentos, não poderemos dormir todas as noites descansados sabendo que no outro lado do mundo pessoas poderão estar a passar mal. Estamos a enviar todos os anos uma “bomba toxica” para um país que não tem capacidade de enfrentar o “inimigo” olhos nos olhos, um “soldado de joelhos” que se encontra à espera do disparo final. Retomando a questão anteriormente lançada que nos assalta, relativa ao desenvolvimento tecnológico:

Qual é afinal o papel da U.E.? Estamos numa fase onde existem incentivos crescentes para a implementação de um mercado digital, mas será que se considera igualmente o impacto negativo?

Quer comentar este artigo?

Escreva-nos para: europe-direct-aveiro@aeva.eu



Alexandre Costa, Leandro Pereira e Diogo Monteiro
 Artigo de opinião realizado pelos alunos da
 Licenciatura de Economia, DEGEIT, Universidade de Aveiro



PLASTICS RECYCLING, INDIA



Tem a ver com a Europa

Tem a ver Consigo



cofinanciado por:



www.europe-direct-aveiro.aeva.eu

